

## Contra-ataque a Subtopia, Ian Nairn e os caminhos do urbanismo inglês<sup>1</sup>

**Lorenza Pavesi**

Designer gráfico formada pela Coventry University (Grã-Bretanha), pós-graduanda na área de Teoria e História da Arquitetura da EESC-USP, Rua Madre Saint Bernard 151, Santa Mônica, São Carlos, SP, lore@ukonline.co.uk

Com a cunhagem do termo Subtopia, no período pós-guerra, a partir da fusão das palavras subúrbio e utopia, Ian Nairn conseguiu capturar e articular as preocupações de vários arquitetos e planejadores e mesmo de um público mais amplo.

Esse termo foi utilizado para descrever a preocupante diluição entre “os tipos de paisagem – cidade e campo, campo e subúrbio, subúrbio e área selvagem”<sup>2</sup>, gerando um território híbrido ordenado por um planejamento que desprezava a individualidade de cada lugar.

A publicação de *Outrage*, edição especial de *Architectural Review*, em Junho de 1955,<sup>3</sup> de fato conheceu uma repercussão surpreendente e gerou grande controvérsia. A ameaça de Subtopia, profetizada pelo jovem crítico Ian Nairn, ganhou grande visibilidade em jornais de diferentes perfis como o *The Times*, o *Manchester Guardian* e o *Daily Mail* e a redação da *Review* começou a receber um grande número de cartas, algumas entusiastas, outras mais críticas. A reação na imprensa foi de fato bastante variada, sendo a proveniente de periódicos regionais a mais interessante, talvez, por trazer experiências pessoais e citar exemplos de expansão suburbana em várias regiões da Grã-Bretanha: a indignação de um viajante, mesmo que sincera e bem intencionada, não se comparava aos sentimentos de uma pessoa em relação ao ambiente onde passou a infância e que o via ser destruído pela indús-

tria e órgãos do governo. As cartas que relatavam as experiências pessoais demonstravam claramente uma preocupação com o destino de áreas rurais e com a ameaça à identidade de suas cidades e, ao mesmo tempo, serviam como um instrumento eficaz de mobilização da opinião pública e reivindicação de reformas na política de planejamento.

Em Julho, o Ministro da Habitação e Administração Local, Duncan Sandys, se pronunciou a esse respeito em seu discurso no Royal Institute of British Architecture (RIBA), declarando “guerra à feiúra em todas as suas formas” e invocou o patrimônio de “monumentos históricos, cidades agradáveis e campos sorridentes” que, em nome do progresso, estavam sendo mutilados e transformados de maneira irreconhecível. Sandys pedia também que cada poste de luz, painel publicitário, parada de ônibus e mobiliário urbano em geral fosse criticamente examinado, lembrava que cidades não são simplesmente lugares pelos quais passamos dirigindo e incitava as autoridades locais a investir recursos de maneira a identificar e corrigir pelo menos algumas das atrocidades cometidas.

A abordagem de *Outrage* atraiu atenção também no outro lado do Atlântico. Cartas são enviadas por indivíduos e associações de várias cidades dos Estados Unidos comentando a iniciativa da *Review* e identificando-se com as questões levantadas. John Burchard, arquiteto engenheiro e na época reitor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), expressava preocupação de que Nairn, também um talentoso fotógrafo, estivesse na verdade exagerando seus relatos, ao ponderar: “em fotografia

<sup>1</sup> Especial da *Architectural Review* *Counter-Attack against Subtopia*. Nesta edição da Revista Risco apresentamos o texto introdutório de *Counter Attack against Subtopia*, “O ABC visual”, cuja reprodução nos foi gentilmente autorizada pela *The Architectural Press* seguido da tradução comentada em português (N.E.).

<sup>2</sup> Nairn, I. *Counter-Attack against Subtopia* London: Architectural Press, 1957 pag. 355 “between types of environment - town and country, country and suburb, suburb and wild” (tradução nossa).

<sup>3</sup> Os textos *Subtopia*, *Agents* e *Manifesto* de *Outrage* foram reproduzidos, com a autorização da *Architectural Press*, na edição 5 da *Risco*. *Outrage*, como vimos, foi o resultado de uma viagem que Ian Nairn e Gordon Cullen fizeram ao longo da Grã-Bretanha.

arquitetônica, o problema de se contar a verdade é complexo. Por um lado, poucos edifícios estão situados em ambientes serenos e idílicos sem a ameaça do lixo urbano ou de construções desagradáveis e incompatíveis. Isso é parte do ambiente construído, sem dúvida, mas na vida aprendemos a não enxergar e fotografias que enfatizam isso acabam por tornar a tese de *Outrage* desproporcional. Por outro lado, fotografias arquitetônicas com suas nuvens e vegetação dramáticas podem também não estar contando toda a verdade.”<sup>4</sup>

Entre as cartas entusiastas estavam a do editor da revista *Fortune*, William H. Whyte, que afirmava: “Poucas pessoas tem um olhar tão atento aos detalhes que compõem a escala humana, algo que todos os designers de projetos urbanos prezam em teoria, mas esquecem nos projetos, uma qualidade que todas as cidades precisam”<sup>5</sup>

Embora nem todos reagissem à ameaça da subtopia da mesma maneira, não há dúvidas de que a paisagem que ia sendo moldada, já no período entre guerras, era a de subúrbios avançando para além dos antigos limites das cidades e engolfando as áreas rurais, além disso, podemos afirmar, que a noção de conectar o embrutecimento do subúrbio com o de seus habitantes, fazia parte de uma longa tradição, deixando claro que não se tratava apenas de salvar a área rural, mas de salvar o país “da moderna anarquia da máquina enlouquecida... a luta entre um homem e um monstro”<sup>6</sup>.

Escritores regularmente castigavam a arquitetura dos subúrbios, construídos às pressas a partir de um modelo que procurava ir de encontro à incessante necessidade de habitações em ambientes idílicos e socialmente seguros.

Em 1944, o crítico Cyrill Connolly afirmava que “se os *slums* geram crime, os subúrbios então são incubadores de apatia e delírio”<sup>7</sup>.

Anteriormente, em um poema chamado *Slough*, de 1937, o poeta e escritor John Betjeman<sup>8</sup>, já escrevia:

*Come friendly bombs and fall on Slough!  
It isn't fit for humans now,  
There isn't grass to graze a cow.*

*Swarm over, Death!  
Come, bombs and blow to smithereens  
Those air conditioned, bright canteens,  
Tinned fruit, tinned meat, tinned milk, tinned beans,  
Tinned minds, tinned breath.  
Mess up the mess they call a town [...]*

John Betjeman era intimamente associado à cultura e espírito da Metroland<sup>9</sup> e dedicou esse poema ao distrito de Slough, situado a oeste de Londres, que a partir de 1925 teve um rápido desenvolvimento tornando-se um dos primeiros pólos industriais. Slough atraiu um grande número de migrantes e, após a segunda Guerra Mundial, abrigou muitos ex-habitantes de Londres. Nesse poema Betjeman lamenta a transformação do vilarejo em área industrial, pede para que bombas o destruam e que a Morte se apodere de tudo, afirmando que Slough não servia mais, nem para humanos e nem para o gado. Como Ian Nairn em *Outrage*, 18 anos depois, Betjeman associa enlatados, produtos que representavam o novo tipo de indústria que estava substituindo a de carvão, à mediocridade suburbana (“carne enlatada, leite enlatado, feijão enlatado, mentes enlatadas, vida enlatada”). O poema segue (reproduzimos somente a primeira parte) descrevendo o típico morador de subúrbio e denuncia o especulador, refletindo os sentimentos da época em relação à expansão suburbana.

Para alguns, havia uma continuidade entre as cidades-jardins e a expansão dos subúrbios. Em seu celebrado livro *Town Planning*, o urbanista, escritor e poeta Thomas Wilfred Sharp (1901-1978), criticava o movimento cidade-jardim, insistindo para que cidade e campo mantivessem distintas suas individualidades e descrevia como, ao procurar a paisagem bucólica, enquanto se agarravam a um modo de vida urbano, os habitantes do subúrbio estavam destruindo a paisagem rural: “Mais eles lutam para conquistar o objeto de seu desejo, mais esse escapa: mais eles querem o melhor dos dois mundos, mais eles geram o pior”<sup>10</sup>. Sharp de fato pode ser considerado um dos primeiros a desafiar a Garden City Association e a articular idéias alternativas, mesmo não sendo totalmente adverso à idéia de cidades satélites, desde que essas fossem de alta densidade. Em seu livro *Town and Countryside* Sharp acusa Ebenezer Howard e seus seguidores de produzir uma nova civilização

“hermafrodita, estéril, imbecil, um monstro que abomina e despreza a Natureza que idolatra”,<sup>11</sup> e durante os anos 1930 continua, através da *Architectural Review*, seus ataques que, segundo o jornal do Royal Institute of British Architects (RIBA), marcaram o fim da prevalência do movimento cidade-jardim no planejamento inglês<sup>12</sup>.

Valendo-se dessas críticas anteriores, mas excedendo o contexto britânico, é interessante notar a rápida ascensão do termo Subtopia que passa a ser incorporado ao vocabulário crítico de maneira muito espontânea, chegando até a ser pronunciado em um discurso do Duque de Edimburgo ao Royal College of Art. O jornal *Birmingham Post* descreve a palavra como “repulsiva”, fato que, segundo a *Review*, ajuda ainda mais a ilustrar o fenômeno. Notório também é o entusiasmo demonstrado pelo historiador Bruno Zevi que adota o termo Subtopia para o baixo aproveitamento de espaço, mas que também observa que esse termo não visava somente denunciar a urbanização da paisagem, uma crítica mais comum, mas também as atitudes anti-urbanas.<sup>13</sup>

Encorajada pelos resultados de *Outrage* (1955), a *Architectural Review*, decide não só implantar um “Counter-Attack Bureau” para lidar com o grande número de cartas, mas também, repetir a fórmula, em dezembro do ano seguinte, com mais uma edição especial chamada *Counter-Attack against Subtopia* (1957). Editada por Ian Nairn com participações de Peter Sheppard, Geoffrey S. Kelly, Elizabeth Denbye e Walter Manthorpe, esta edição estava seriamente determinada a provar que o fenômeno Subtopia não era inevitável.

## As New Towns e o Plano da Grande Londres

Em 1937, Neville Chamberlain, grande defensor das cidades jardins, tornou-se Primeiro Ministro do Reino Unido e entre suas primeiras iniciativas, estabelece a Royal Commission on the Distribution of Industrial Population, presidida por Sir Montague Barlow, tendo como objetivos, fazer um levantamento das causas da distribuição geográfica da população industrial, considerando as desvantagens sociais, econômicas e estratégicas resultantes da concentração da indústria e da população

industrial nas cidades e prescrever medidas para lidar com estas. Barlow posteriormente torna-se membro da Town and Country Planning Association (TCPA). Originalmente fundada com o nome de *Garden City Association*, a associação muda de nome para *Garden City and Town and Country Association* e a partir de 1941 para *Town and Country Planning Association*.

Em 1942 o Relatório Barlow recomenda a descentralização das áreas urbanas congestionadas, especialmente a de Londres que apresentava, segundo o relatório, um excesso de aproximadamente 1 milhão e meio de habitantes. A este seguiram os relatórios Scott e Uthwatt, relativos à defesa das áreas agrícolas e à compensação para as expropriações das áreas edificáveis; esses também, com menor ou maior convicção, visavam uma descentralização através de cidades-jardins e uma contenção da expansão industrial de Londres. Enquanto 800.000 habitantes seriam abrigados em cidades já existentes, devidamente replanejadas, para o restante (700.000) seria necessário construir novos centros urbanos e transferir a indústria em número suficiente para garantir trabalho aos novos habitantes.

Essa linha de política urbana “contencionista”, já vinha sendo estruturada com o Green Belt Act votado pelo Parlamento em 1938 e que bloqueou a expansão de Londres, prescrevendo a criação de um cinturão verde em volta da capital. Na verdade, o conceito de cinturões verdes para prevenir a expansão urbana, já havia sido introduzida na Grã-Bretanha nos anos 1930, após anos de luta de ambientalistas inspirados no Movimento Garden City e sob a pressão de organizações como a Campaign to Protect Rural England (CPRE)<sup>14</sup>.

Em 1944 Patrick Abercrombie, também membro da TCPA, com a colaboração de Forshaw, arquiteto do London County Council (LCC) apresentaram o Greater London Plan que se contrapõe ao radical modelo linear proposto pelo Modern Architecture Research Group (MARS) em 1942<sup>15</sup> e, dentre outras questões, assumia a necessidade de conter o crescimento da cidade, criando anéis de densidade variada na malha urbana e incorporava o conceito de cinturão verde.



Estes decretos e programas culminaram no desenvolvimento do sistema de controle de uso do solo estabelecido com o Town and Country Planning Act de 1947 e com o New Towns Act, que, apoiado pelo governo trabalhista de Attlee (eleito em 1945) e aprovado pelo Parlamento em 1946, inaugurou uma das maiores iniciativas do urbanismo mundial: o desenvolvimento das New Towns, cidades autônomas (não satélites) que propunha subtrair o peso demográfico da capital em aproximadamente meio milhão de unidades residenciais ao longo dos anos 1940 e 1950<sup>16</sup>.

Assim, apesar da lentidão do processo de reconstrução, uma grande parte dessas novas cidades já havia sido desenvolvida o suficiente nos anos 1950 para que pudesse ser feita uma avaliação. Uma das críticas mais importantes, além da sua falta de urbanidade e torpor provinciano, pode ser considerada aquela relativa ao baixo aproveitamento de espaço e aos baixos índices de densidade.

Em *Counter-Attack against Subtopia* é dada particular atenção às New Towns, exatamente destacando a falta de urbanidade e a baixa densidade, que, na verdade, já vinham sendo criticadas desde a publicação, em 1953, do notório artigo de J.M. Richards "The failure of the New Towns"<sup>17</sup> reforçado pelo artigo de Gordon Cullen "Prairie planning in the New Towns"<sup>18</sup> do mesmo período, ambos publicados na *Architectural Review*.

Dividida em várias seções, *Counter-Attack* inicia identificando vários tipos de ambientes (área natural, área rural, arcádia, cidade e metrópole) com seu próprio caráter visual e, em seguida, examina uma coleção de elementos como bancos, cercas e abrigos em vários tipos de paisagem mostrando como o design de cada um desses objetos devia refletir a categoria na qual estavam inseridos, seguindo a metodologia Townscape iniciada em 1949 pela *Architectural Review*. Aqui, o papel de Gordon Cullen, que havia entrado como Diretor Artístico

da revista em 1947 e havia colaborado com a edição *Outrage* em 1955, torna-se crucial ao defender a metodologia Townscape e seu conceito de "planejamento urbano como arte visual" ou, segundo Ian Nairn, "a arte que falta entre urbanismo e arquitetura"<sup>19</sup>. Durante o período de 1951 a 1960 Cullen viria a produzir uma série de artigos, esboços e imagens, posteriormente reunidos no livro *Townscape* em 1961, que mostravam a complexidade da paisagem urbana do ponto de vista do pedestre, além de manter as idéias desenvolvidas com Nairn, o livro e a concepção metodológica de Townscape refletem uma abordagem semelhante à de Frederick Gibberd que, com o livro *Town Design* publicado em 1954, se insere na tradição de Camillo Sitte, Raymond Unwin e Werner Hegemann e com esses estabelece uma continuidade, problematizando a tradição do *civic design* com as posições do Movimento Moderno.<sup>20</sup> Gibberd, de forma semelhante a de Cullen, afirmava que "O *town design* compreende arquitetura, *landscape* e desenho de estradas, que perdem a sua individualidade para transformar-se em uma coisa nova: a cena urbana"<sup>21</sup>.

Continuando, *Counter-Attack against Subtopia* examina o relatório final do Comitê para as New Towns de 1946 e compara suas recomendações com os resultados obtidos durante a primeira década após sua publicação, não só quanto a questões de densidade, mas também em relação a padrões para escolas, espaços abertos e indústria; estradas, localização e distribuição de serviços subterrâneos e paisagem.

A edição questiona alguns dos dogmas no qual o relatório se baseava, como por exemplo, o de associar altas densidades às más condições de vida e através de cálculos minuciosos, comparações e exemplos, demonstra como a densidade nas novas cidades era desnecessariamente baixa e como a questão da densidade estava sendo usada no contexto de uma idéia preconcebida de como uma cidade devia ser.

<sup>16</sup> Ao mesmo tempo são constituídas as *Development Corporations*, órgãos técnico-administrativos encarregados da escolha do terreno, do estudo urbanístico, da construção dos imóveis e da administração dos mesmos. As *Development Corporations* eram órgãos controlados pelo estado e que deviam garantir a boa renda do capital colocado a disposição pelo Ministro da Fazenda e usado na construção das novas cidades. Elas davam conta de seus atos ao governo, o qual por sua vez devia dar conta ao Parlamento. As *Development Corporations* eram compostas geralmente por um arquiteto, um engenheiro, um advogado, um administrador de imóveis, um contador e um encarregado pelo desenvolvimento social.

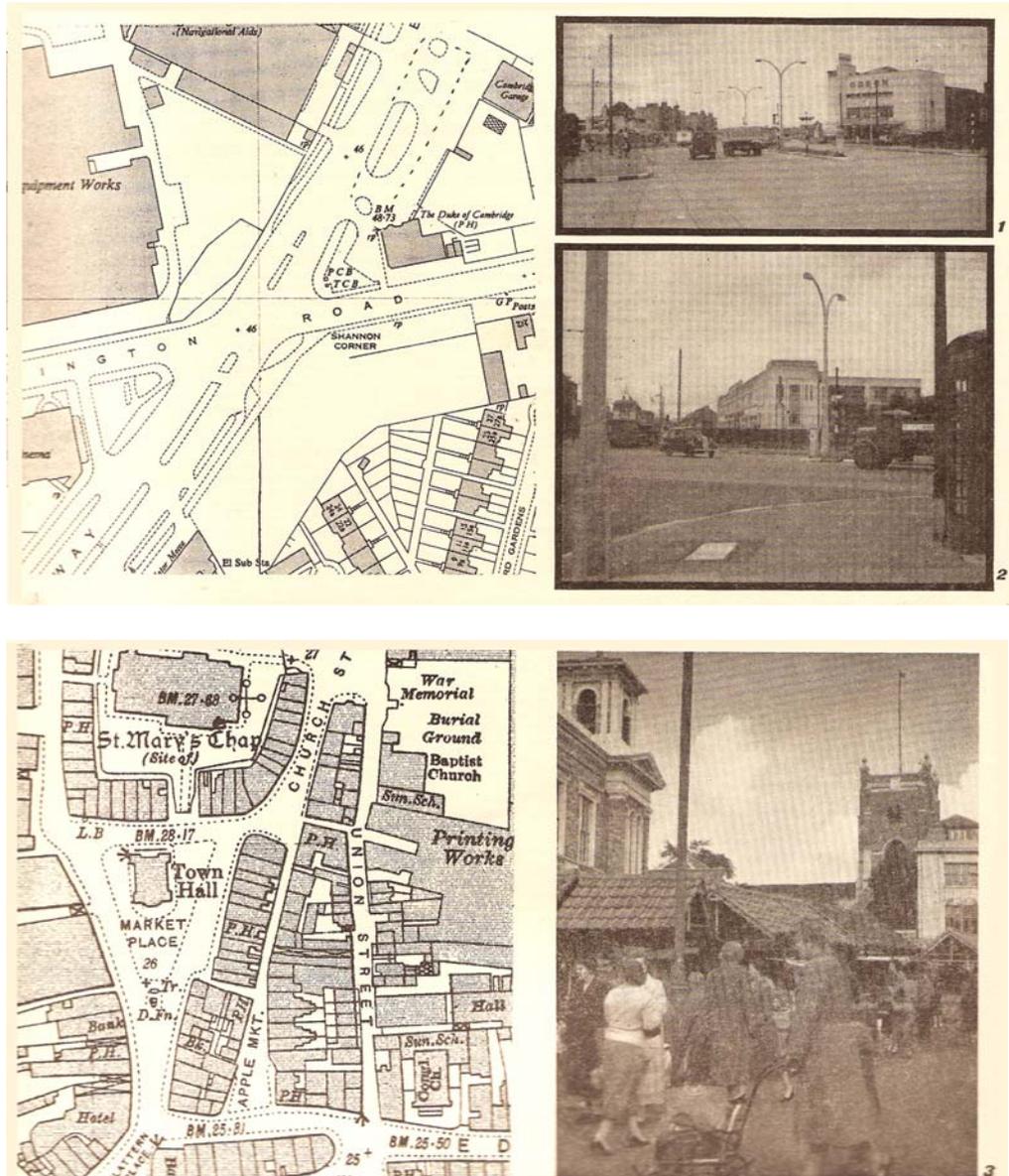
<sup>17</sup> Richards, J.M. *The failure of the New Towns* *Architectural Review* Vol.114 1953.

<sup>18</sup> Cullen, G. *Prairie Planning in the New Towns* *Architectural Review* Vol.114 1953.

<sup>19</sup> Nairn, I. (1964) *Your England Revisited* Penguin, London.

<sup>20</sup> Christiane Crasemann Collins e trajetórias transatlânticas entrevistada por Adalberto da Silva Retto Junior em <http://www.vitruvius.com.br/entrevista/collins/collins.asp>.

<sup>21</sup> Gibberd, F. (1954) *Town Design* International Thomson Publishing p.5.



**Figuras 2 e 3:** Kingston. Fonte: Imagens de Nairn, I. (1957). *Counter-Attack against Subtopia* Architectural Press London.

<sup>22</sup> Home counties: termo usado para o grupo de condados em volta de Londres: Kent, Surrey, Essex, Hertfordshire, Buckinghamshire, Berkshire.

<sup>23</sup> Nairn, I. (1957) *Counter-Attack against Subtopia* The Architectural Press Pág.408 (tradução nossa, imagens gentilmente cedidas pela Architectural Press)

Acima uma das interseções do Kingston by-pass, mostrando o horrendo desperdício de espaço - nas esquinas, em lotes vazios, nos verges (?) em frente a garagens e cinemas. O resultado inevitavelmente é o de ter o aspecto de um deserto, 1 e 2. Abaixo e ocupando a mesma área (os mapas têm a mesma escala) e praticamente todo o centro de Kingston-on-Thames: igreja, prefeitura, dois mercados e maioria das lojas. O primeiro é inevitavelmente subtopia anônima, o segundo inevitavelmente um lugar reconhecível - um dos centros mais bonitos das home counties<sup>22</sup>, 3. Essa é a verdadeira resposta para a expansão urbana - planejamento

compacto e cuidadoso, usando os princípios da economia. Na teoria parece fácil planejar de maneira compacta, mas na prática existem dúzias de obstáculos, a começar pelas teorias de superpopulação mantidas pela "opinião informada" que nunca foram testadas no lugar, acabando com coisas tão mundanas como o jeito com o qual serviços de gás e eletricidade são colocados sob a calçada. Se idéias mal concebidas são fixadas nos estatutos e aplicadas rigidamente e sem inteligência, os melhores esquemas são destinados a ter o mesmo aspecto das New Towns.<sup>23</sup>

No texto que acompanha as figuras 2 e 3 é possível identificar a crítica indireta que Nairn direciona à TCPA. De fato, em *Counter-Attack*, Nairn se refere em várias ocasiões a uma “opinião informada” e “falsas assunções” (ver *A Visual ABC*) onipresentes nos estatutos e decretos e que impedem o desperdício de espaço.

Alison e Peter Smithson, personagens chaves da nova vanguarda do pós-guerra britânico, que haviam começado sua dupla crítica ao *establishment* do CIAM e ao passadismo da arquitetura do *people detailing* dos órgãos públicos ingleses, que se comunicava positivamente com a baixa densidade das New Towns, em um artigo publicado na *Architectural Design* em junho de 1955, portanto, coetâneo à publicação de *Outrage*, já contestavam a influência que as cidades-jardins exerciam sobre quatro décadas de legislação no planejamento urbano inglês<sup>24</sup>. Ian Nairn, em *Counter-Attack against Subtopia*, aponta claramente para a questão da densidade: dezesseis anos após a publicação do Relatório Barlow, a missão de descentralizar e redistribuir a população praticamente já havia sido cumprida; o conceito no qual os cálculos de densidade estavam baseados, porém, precisava ser reformulado.

Nesta edição, Nairn dá continuidade à crítica ao mobiliário urbano usado nos diversos tipos de paisagem começada em *Outrage*. Se essa crítica pode parecer superficial e às vezes óbvia, Nairn deixa bem claro como a função do mobiliário urbano era a de articular o espaço entre edifícios, criando paisagens compactas e livres de desperdícios (lembramos que as duas publicações, *Outrage* e *Counter-Attack against Subtopia*, ainda que imediatamente dirigida a profissionais, foram também concebidas como manuais para leigos).

As críticas expressas em *Counter-Attack* não se limitavam somente às qualidades arquitetônicas e

ao planejamento visual (claramente o território da *Architectural Review*, que via morrer a esperança de criar novas cidades com efetiva qualidade urbana e com a variedade de situações que a tradição pintoresca preconizava), mas também aos critérios adotados ao designar as áreas para a construção das novas cidades ou a questões de empregos, por exemplo.

As seções 3 e 4 de *Counter-Attack* são dedicadas à importância e ao tratamento das árvores e a uma revisão dos objetivos e métodos da Comissão de Reflorestamento. Formada em 1919 a Comissão garantia a estratégica reserva de madeira, de vital necessidade para a extração de carvão do qual a indústria dependia. Mas o maciço programa de reflorestamento mostrava-se obsoleto já em 1943 e nesse artigo demonstram-se as vantagens de menores áreas reflorestadas, poupando terras férteis para a criação de gado e agricultura bem como do ponto de vista do cenário e das possibilidades de recreação, já que enormes áreas reflorestadas dominavam a paisagem tornando-a ao mesmo tempo inacessível.

Em seguida Nairn analisa casos específicos como indústria, publicidade, fiação, iluminação bem como ruas e estradas principais.

A edição termina com o artigo “A Plan for Planning”, que segundo Nairn, traduz os princípios visuais propostos no início da edição em “práticos termos administrativos”.

Ian Nairn, de fato, usa esta edição para chamar a atenção sobre a falta de um sistema de planejamento nacional unificado e propõe, passo a passo, a construção de uma estrutura básica que impeça ulteriores deteriorações da área rural e que, ao mesmo tempo, garanta que todas as mudanças que possam vir a afetar a paisagem passem pelas engrenagens do sistema de planejamento.

<sup>24</sup> Smithson Alison and Peter “The Built World: Urban Reidentification”, *Architectural Design*, June 1955, no. 6, p.185-188.